

Forte Militar de Alcoutim, 27-12-1975

Excelentíssimo Senhor

Capitão Salgueiro Maia



Nesta quadra de Natal, festa da família e de renovação cristã, quero agradecer a V. Ex.^{sa} e excelentíssima família, os meus votos sinceros de Novo Ano feliz, próspero, e que Deus continue a dar-lhe saúde e inspiração na grandiosa participação que o Senhor capitão tem posto a pôr no actual processo político português.

Desculpe senhor capitão, a ousadia, poderia mesmo dizer mais, em escrever-lhe. Todavia, não consegui libertar-me da tentação desde há seis longas e tristes meses.

Senhor capitão, sou aquela pessoa recapturada na noite de 29 para 30 de Junho do corrente ano, à entrada dessa cidade de Santarém e, como me fulgo suficientemente identificado no subconsciente de V. Ex.^{sa} devido à conversação - interrogatório passado nessa Escola Prática - pois embora não fosse ali invocado o nome do capitão Salgueiro Maia eu reconheci-o imediatamente. Assim, solicito uma parte da sua atenção para lhe relatar, a título de desabafo e também informação, de quanto me fizera sofrer durante cinco infelizes meses de plena exclusão, apenas por ter aproveitado o momento de relaxamento surgido naquele dia 29 de Junho neste Forte. Digo aproveitado porque, efectivamente, só me apercebi no instante em que vi companheiros meus no exterior, tanto mais que nunca consegui inferir a meu irracional, aqui detido, do que se passava. Foi, bem, cometi uma falta em relação à disciplina prisional, mas o longo tempo de prisão, as insultos, a separação e o sofrimento da família não justificariam aquela atitude? Talvez não, depende do campo de observação, especialmente da opção

política que essa atitude seja analisada. Nos subter capítas, houve uma outra razão, para a compreensão basta recordar a orientação política impulsionada nesses tempos pelo gonzalvismo.

Vivíamos, entre nós, dias de terror, ouvíamos falar em leis revolucionárias, em julgamentos populares, em internamentos indefinidos. Escutávamos o pavor, mas acalentávamos nenhuma esperança. E assim seria caso não surgisse o 25 de Novembro.

Entretanto, passaram-se cinco meses encerrado numa cela, de onde apenas sabia de isto em isto dias para tomar banho, mas acompanhado por dois guardas que se justificavam alegando estar em ameaçadas pelo chefe do serviço de apoio, conhecido por Carlos Otero, actualmente, segundo informações do subter comandante Xavier, fugido na Bélgica. Este indivíduo, durante o tempo que aqui permaneceu dedicou-se apenas a orientar a tortura, chegando mesmo a causar o pânico entre os guardas.

Subter capítas, deve lembrar-se, com certeza, em ter demonstrado receio das represálias que iria sofrer. Não um engano. Foiem, não contava com agressões nem com certos sistemas de torturas morais, mas tudo isto sofreu. O excellentíssimo capítas que me acompanhou dessa cidade a este Forte, verificou os primeiros insultos de jornalistas, fotógrafos e alguns populares, junto à entrada deste estabelecimento prisional. Sendo assim, absteve-me de falar nesses. Falarei dos que se seguiram sistematicamente durante cinco meses. Fara receber referências que só me deram alimentação ao fim de dois dias, e a ferida provocada na mão direita teve de curar-se por ela, com a exclusão exclusiva acípsia. Na noite de 30 de Junho para 1 de Julho, às duas horas da madrugada fui levado a uma dependência deste Forte onde se encontravam, fardadas, dois alferes do Exército, um alferes



da Força Aérea e um civil, este ocupando o centro da secretária, armados dois com G-3 e um com pistola Walter. No civil não vi arma. Durante o interrogatório, bateram-me com a coronha do G-3, empurraram-me com uma máquina de escrever invertida ao peito, puzeram-me a pistola apontada junto dum ouvido, e fiam, os nomes que me chamaram não têm no dicionário.

Na cela, durante os cinco meses de isolamento, além dos inevitáveis sintomas de claustrofobia, sofriemas outros horrores, em especial o ser-me proibidos de escrever e receber correspondência, pelo que, durante todo esse tempo desconheciemos tudo a respeito da família, assim como os familiares de nós. Ficamos proibidos de requisitar, durante muito tempo, artigos de primeira necessidade, mesmo higiénicos. Passámos dias seguidos sem água - numa altura estivemos quinze dias com ela aberta coisa de alguns minutos por dia e isto em pleno Verão.

Sehos capitães, não valera a pena continuar no relato destes abusos, ilegalidades, atropelos contra os direitos fundamentais da pessoa, V. Ex.^{as} fica a conhecer, através do meu sucinto relato, o essencial para avaliar o que aqui se passou. Não deixarei, no entanto, de referir que várias vezes foram disparadas rajadas e tiras dispersas, neste Forte, para intimidar, ser-nos mesmo para atingir, dado que há sinais de projecteis nos laços dos passeios, tiras essas disparadas às horas das refeições quando os detidos se dirigiam ou regressavam do refeitório. Recorreram de atirar a matar foram frequentes. O serviço de apoio foi, e em parte ainda continua a ser, não de apoio, mas de intimidação, de descontrolo psíquico, desvirtuado do seu fim.

Durante oito anos que fui aqui da ex-D.G.S. não tive necessidade de dar uma bofetada, dá-la-ia, talvez, se as circunstâncias o exigissem, mas não tive circunstâncias dessas, e quanto aos serviços que efectuei

orientei-me sempre pela imparcialidade, pois continuo a afirmar que esse
meu agente da Polícia Política foi sempre apolítico ou ao menos imparcial.
Pelo contrário, em 20 meses de prisão, fui vítima de sevícias, dos frios
insultos, da privação, durante cinco meses, de saber notícias de meu
filho de 6 anos, bem como de minha mulher e restantes familiares.
Senhor capitão, a sua análise psicológica ter-me-ia revelado, nas poucas
horas que me interrogou, a minha passividade e o meu pacífico desejo
a harmonia, a tolerância e o entendimento. Pretendo uma vida futura
de concórdia, na companhia da minha família, ajudando a comunidade
de quanto possível. A minha vida económica e social sofreu uma sof-
rência, mas reconstitui-la-ei, tanto mais que tenho a ajuda eficaz de
minha mulher, a qual é enfermeira no hospital regional da Guarda, de
meus sogros, comerciantes naquela cidade, e meus pais agricultores que
aldeia próxima daquela localidade. Com a minha vontade e a ajuda deles,
conseguirei o essencial para viver honestamente. Mas senhor capitão,
passados 20 meses ainda não sei se tenho algum processo, ninguém me
conviu sobre possíveis actividades ilegais, ninguém me atribuiu respos-
sabilidades criminais. Sendo assim, e porque não estou autorizado a
constituir advogado e ainda por que agora as entidades responsáveis
pela Comissão de Extinção parecem dispostas a dar um impulso com
a finalidade de virarem a resolver este problema, solicito, com a mais pura
intenção, lealdade e honradez de homem justo e honesto, que me proze-
sem, a intervenção de V. Ex.^{ta} junto do excelentíssimo senhor capitão
Souza e Castro, digno membro do Conselho Superior da Revolução e
responsável directo pela Comissão de Extinção, a meu respeito. Peço,
tendo em conta tudo quanto sofri, que façam as necessárias averigua-
ções a meu respeito e que me concedam a liberdade, mesmo provisória,
como agora a lei estabelece, até à definição final das responsabilidades.

Autorguem-me o regresso ao lar como, aliás, já concederam a alguns, onde tenho um filho que deixei com a idade de 4 anos e que necessita de óculos, nessa especial preocupação, minha mulher cheia de trabalho na recuperação clínica das pessoas, lutando sozinho pela minha sobrevivência. Felizmente, tenho-me salvado meus sogros, especialmente dando dormida e alimentação ao neto, nosso filho, quando minha mulher tem de trabalhar de noite, o que é frequente na profissão de enfermeira que, e conduzindo-o no caminho da escola.

Quero ainda referir, senhas capitais, que tenho emprego garantido nos escritórios de uma fábrica cujo proprietário é meu padrinho de casamento. Portanto, logo que seja libertado terei trabalho, e quanto ao ambiente social, tenho da gente da Guarda a mesma amizade e sociabilidade anteriores.

Finalmente, para desculpa desta atitude, apenas apresento, no seu real e profundo segredo, a minha situação de detido ansioso por recommençar o curso normal da vida.

Termino renovando os meus votos de Novo Ano repletos de felicidades e que Deus O proteja.

Armando Marques Lopes.

